

# Economistas querem ações imediatas

**Raquel Landim e Gustavo Faleiros**  
De São Paulo

Estabilidade não basta. Se o governo Lula quiser ter motivos para comemorar na divulgação do Produto Interno Bruto (PIB) de 2004, será preciso aumentar o gasto público, baixar os juros ao consumidor e implementar efetivamente uma política industrial com resultados no curto prazo, opinam economistas ouvidos pelo **Valor**.

E aplicar essa receita pode não ser possível se o país seguir cumprindo as metas estabelecidas para superávit primário e inflação. "Seria um milagre se a economia tivesse conseguido crescer em 2003", diz o economista Luiz Gonzaga de Mello Beluzzo, referindo-se ao cenário de forte carga fiscal, necessidade de gerar superávit, juros e spreads bancários elevados. "É claro que para sair desse ciclo há um custo, que terá que ser pago em algum momento".

O deputado Antônio Delfim Netto (PP-SP) considera a queda no PIB de 0,2% fato "muito grave" pois poderia ter sido evitada com um política monetária "mais inteligente". "Em maio a vitória do

Banco Central sobre a inflação já era certa." Em sua opinião, o país corre o risco de obter um crescimento medíocre em 2004 se o governo não abandonar a "idéia fixa" de perseguir a meta de inflação. A primeira medida para a volta do crescimento é exatamente rever os conceitos que estão norteando a política monetária. "Se o viés ideológico não for abandonado, o Brasil não vai crescer nunca mais." Partindo deste ponto, diz Delfim, o governo deve adotar políticas para gerar crescimento. Para ele, até agora, só se preservou a estabilidade. É preciso deixar o "discurso elegante" e passar a implantar a agenda pró-desenvolvimento.

O professor da Unicamp Fernando Sarti também acredita que a estabilidade não irá atrair o investimento necessário. Ao contrário, apenas perspectivas reais de ganhos futuros serão capazes de incentivar os agentes econômicos. Logo, será imprescindível a intervenção do governo. "Sem gasto público, especialmente em infraestrutura, dificilmente o crescimento será retomado", diz. O especialista acrescenta que as exportações não irão garantir a expansão da

economia, já que o superávit da balança comercial em 2003 representa apenas 3% do PIB. "Se exportar fosse suficiente, não teríamos esse crescimento zero".

O diretor-executivo do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), Júlio Sérgio Gomes de Almeida, defende ações para reduzir o custo do crédito, um programa habitacional arrojado e política industrial de curto prazo. Ele está especialmente preocupado com o setor que mais gera empregos: construção civil. Em vez de ser o motor de recuperação da renda, o setor está deprimito os resultados. "A recessão acabou, mas essa é uma recuperação que não emprega", avalia.

Apesar da queda do PIB no ano, o terceiro e o quarto trimestre registraram alta de 1% e 1,5%, respectivamente. Mas o que garantiu o resultado positivo do último trimestre do ano foi a agricultura, que subiu 7,3%. Já a indústria subiu apenas 1,2%. O resultado da construção civil é o mais alarmante: queda 8,6% no PIB em 2003. Se o governo não mudar de rumo, os economistas acreditam que o PIB deve crescer 2% em 2004 — o que seria apenas um efeito estatístico.